

Por um Congresso de Religiões Esquisitas

Hakim Bey

Nós aprendemos a desconfiar do verbo ser, da palavra é – digamos assim: notem a impressionante semelhança entre o conceito de SATORI e o conceito de REVOLUÇÃO DA VIDA COTIDIANA – em ambos os casos: a percepção do ”ordinário” com conseqüências extraordinárias para consciência e ação. Não podemos usar a frase ”é como” porque ambos os conceitos (como todos os conceitos, todas as palavras para esta matéria) vêm encrustadas de acréscimos – cada um sobrecarregado com toda sua bagagem psico-cultural, como convidados que chegam suspeitamente bem supridos demais para o fim de semana.

Então, permitam-me o velho uso Beat-Zen do satori, enquanto simultaneamente enfatizando – no caso do slogan Situacionista – que uma das raízes de sua dialética pode ser traçada até a noção dadaísta e surrealista do ”maravilhoso” irrompendo de (ou dentro de) uma vida que apenas parece sufocada pelo banal, pelas misérias da abstração e alienação. Eu defino meus termos fazendo-os mais vagos, precisamente a fim de evitar as ortodoxias do Budismo e do Situacionismo, para evitar suas armadilhas ideológico-semânticas – aquelas máquinas quebradas de linguagem! Ao invés disso, proponho que os devastemos por partes, um ato de bricolage cultural. ”Revolução” significa apenas outra volta da manivela – enquanto a ortodoxia religiosa de qualquer tipo leva logicamente a um autêntico governo de manivelas. Não vamos idolatrar o satori imaginando que seja monopólio de monges místicos, ou como contingente a qualquer código moral; e melhor que fetichizar o Esquerdismo de 68, nós preferimos o termo de Stirner ”insurreição” ou ”levante”, o qual escapa das implicações embutidas de uma rele mudança de autoridade.

Esta constelação de conceitos envolve ”quebrar regras” de percepção ordenada para chegar à experiência direta, de alguma forma análoga ao processo pelo qual o caos espontaneamente resolve-se em ordens fractais não-lineares, ou a forma em que energia criativa ”selvagem” resolve-se como brincadeira e poesia. ”Ordem espontânea” saída do ”caos”, por sua vez, evoca o Taoísmo anarquista de Chuang Tzu. O zen pode ser acusado de falta de consciência das implicações ”revolucionárias” do satori, enquanto que os Situacionistas podem ser criticados por ignorar uma certa ”espiritualidade” inerente à auto-realização e sociabilidade que suas causas exigem. Identificando o satori com a revolução da vida cotidiana, estamos desempenhando um pouco de casamento de espingarda tão memorável quanto o famoso encontro surrealista entre um guarda-chuva e uma máquina de costura, ou o que quer que fosse. Miscigenação. A mistura de raças defendida por Nietzsche, que era atraído, sem dúvida, pelo erotismo mestiço.

Estou tentado a descrever a forma pela qual o satori ”é” como a revolução da vida cotidiana – mas não posso. Ou, para colocar de outra forma: quase tudo que escrevo gira em torno deste tema; eu teria de repetir quase tudo a fim de elucidar este único ponto. Ao invés disso, como um apêndice, ofereço mais uma curiosa coincidência ou interpenetração

de 2 termos, um do Situacionismo, de novo, e outro, desta vez, do sufismo. A *dérive* ou "vagar" foi concebida como um exercício para deliberadamente revolucionar a vida cotidiana – um tipo de perambulação a esmo pelas ruas da cidade, um nomadismo urbano visionário envolvendo uma franqueza quanto à "cultura como natureza" (se eu compreendi corretamente a idéia) – pelo qual sua absoluta duração inculca nos perambuladores uma propensão para experimentar o maravilhoso; nem sempre em sua forma benéfica, talvez, mas confiantemente sempre produtiva de compreensão – seja através da arquitetura, do erótico, da aventura, das bebidas e drogas, do perigo, da inspiração, o que for – em direção à intensidade da percepção e experiência não mediadas.

O termo correspondente no sufismo seria "viajar aos distantes horizontes" ou simplesmente "viajar", um exercício espiritual que combina as energias urbanas e nômades do Islã numa única trajetória, às vezes chamada "a Caravana do Verão". O dervixe promete viajar a uma certa velocidade, não passando mais do que 7 noites ou 40 noites em uma cidade, aceitando o que vier, movendo-se para onde quer que sinais e coincidências ou simplesmente caprichos possam guiá-lo, rumando de lugar de poder a lugar de poder, consciente da "geografia sagrada", do itinerário como significado, da topologia como simbologia. Aqui está outra constelação: Ibn Khaldun; *On the Road* ("Pé na Estrada") (tanto o de Jack Kerouac quanto o de Jack London); a forma da novela picaresca em geral; Barão de Munchausen; *wanderjahr*; Marco Polo; garotos numa floresta suburbana no verão; cavaleiros arturianos buscando encrenca; viados caçando rapazes; de bar em bar com Melville, Poe, Baudelaire – ou canoagem com Thoreau no Maine... viagem como a antítese do turismo, espaço ao invés de tempo. Projeto de arte: a construção de um "mapa" apresentando uma razão de 1:1 em relação ao "território" explorado. Projeto político: a construção de "zonas autônomas" móveis dentro de uma rede nômade invisível (igual aos Encontros do Arco-íris). Projeto espiritual: a criação ou descoberta de peregrinações nas quais o conceito de "santuário" tenha sido substituído (ou esoterizado) pelo conceito de "experiência de pico".

O que estou tentando fazer aqui (como de costume) é fornecer uma base sonora irracional, uma estranha filosofia, se você preferir, para o que eu chamo de Religiões Livres, incluindo as correntes Psicodélica e Discordianista, neo-paganismo não-hierárquico, heresias antinomianas, caos e Magia do Kaos, Vodou revolucionário, cristãos anarquistas e "sem igreja", Judaísmo Mágico, a Igreja Ortodoxa Moura, a Igreja do SubGênio, as Fadas, Taoístas radicais, místicos da cerveja, povo da Erva, etc, etc.

Ao contrário das expectativas dos radicais do século XIX, a religião não desapareceu – talvez estivéssemos melhor se tivesse desaparecido – mas ao invés disso aumentou seu poder, semelhante em proporção ao crescimento global no reino da tecnologia e do controle racional. Tanto o fundamentalismo quanto a Nova Era obtêm alguma força da profunda e disseminada insatisfação com o Sistema que trabalha contra toda percepção da maravilha da vida cotidiana – pode chamar de Babilônia ou o Espetáculo, Capital ou Império, Sociedade da Simulação ou do mecanismo desalmado – como quiser. Mas essas duas forças religiosas desviam o próprio desejo pelo autêntico em direção a novas abstrações esmagadoras e opressivas (moralidade no caso do fundamentalismo, mercantilização no caso da Nova Era) e por esta razão podem ser muito apropriadamente chamadas de "reacionárias".

Assim como radicais culturais procurarão se infiltrar e subverter a mídia popular e

assim como radicais políticos desempenharão funções similares nas esferas do Trabalho, Família e outras organizações sociais, também existe uma necessidade de que radicais penetrem a própria instituição da religião, ao invés de meramente continuar a proferir chavões do século XIX sobre materialismo ateu. Vai acontecer de qualquer forma – melhor chegarmos a isto com consciência, com encanto e estilo.

Tendo certa vez vivido perto do quartel-general do Conselho Mundial de Igrejas, eu gosto da possibilidade de uma versão paródica das Igrejas Livres – a paródia sendo uma das nossas principais estratégias (ou chame de detournement ou desconstrução ou destruição criativa) – uma espécie de rede frouxa (não gosto desta palavra; vamos chamar de "teia de aranha") de cultos esquisitos e indivíduos fornecendo palestras e serviços uns aos outros, de onde pode começar a emergir uma direção ou tendência ou "corrente" (em termos mágicos) forte o suficiente para descarregar uma devastação psíquica nos Fundamentalistas e nos adeptos da Nova Era, mesmo nos aiatolás e no Papado, jovial o bastante para discordarmos uns dos outros e ainda assim darmos grandes festas – ou conclaves, ou conselhos ecumênicos, ou Congressos Mundiais – os quais antecipamos com alegria.

As Religiões Livres podem oferecer algumas das únicas alternativas espirituais possíveis em relação às tropas de assalto dos televangelistas e palermas manipuladores de cristais (sem falar das religiões estabelecidas), e desta maneira se tornarão mais e mais importantes, mais e mais vitais em um futuro onde a demanda pela erupção do maravilhoso dentro do comum se tornará a mais retumbante, pungente e tumultuosa de todas as demandas políticas – um futuro que começará (espere, deixe eu ver meu relógio)... 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1... AGORA.